

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

## ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO E PRODUÇÃO DE SI MESMO<sup>1</sup>

ESTETIZATION OF SUBJECTIVITY: CONTEMPORARY FORMS OF CARE AND SELF PRODUCTION

Kleber Prado Filho<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo, apresentado originalmente como palestra, desenvolve uma reflexão no contexto da genealogia da ética de Michel Foucault a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade. Tais práticas são produções históricas que se modificam com o tempo e importa conhecer suas diferentes formas ao longo da cultura ocidental. Neste sentido, destacam-se diferentes experiências éticas em nossa cultura: entre os gregos antigos; os romanos na passagem à era cristã; na cultura cristã, ao longo do período feudal e na cultura moderna. Resta conhecer então as formas contemporâneas de cuidado e estetização de nossos corpos e subjetividades que são objetos desta análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** cuidado de si; subjetivação; genealogia da ética.

**ABSTRACT:** This article was originally presented as a lecture and it develops a reflection about the ethic's genealogy of Michel Foucault regarding the subject practice about itself in terms of care and aesthetize of its own body and subjetivity. Those practices are historical productions that modify themselves over time and it is important to know about their own different forms throughout the western culture. In this matter we highlight different ethics experiences in our culture: among the ancient greeks; the Romans in the passage to the Christian era; in Christian culture throughout the feudal period and in modern culture. It remains to us knowing the contemporary ways of care and aesthetization of our own bodies e subjetivities which are the main topic of this analysis.

**KEYWORDS:** care of the self; subjetivation; genealogy of ethics.

### *Sobre a temática*

Esta reflexão trata de uma questão ética, imediatamente política, molecular, microfísica, muito central ao nosso modo de vida, referente às formas contemporâneas de cuidado, estetização e produção de nós mesmos, e também de práticas de resistência às ações normalizantes dos dispositivos de poder operantes em nossas sociedades. O que aqui se denomina “estetização da subjetividade” diz respeito a todo um conjunto de trabalhos do sujeito sobre si mesmo, no sentido de produzir-se em sua singularidade, a partir da sua história, em relações com a norma, com os enunciados, em jogos de

---

<sup>1</sup> Texto derivado de palestra homônima apresentada no 3º Ciclo de Estudos do Discurso, promovido pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, em novembro de 2016.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Sociedade da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador – SC. E-mail: kleberprado.psi@gmail.com.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

verdade, de identificação, modos de objetivação e subjetivação, tendendo a uma composição estética de si mesmo como uma bricolagem.<sup>3</sup>

### *Técnicas de cuidado de si e suas diferentes formas na cultura ocidental*

Início chamando a atenção para diferentes empregos possíveis do termo “cuidado de si” no contexto das análises que compõem a genealogia da ética de M. Foucault. Existe, em princípio, um sentido mais amplo, não demarcado historicamente, que se refere a uma diversidade de práticas do sujeito em relação a si mesmo, práticas de si, trabalhos realizados sobre si mesmo, estetizações, produções de si, caracterizados ou não como uma “tecnologia”, presentes em uma sociedade, uma cultura, em diferentes momentos históricos. Com base nessa perspectiva, cada sociedade, em diferentes momentos, produziria suas próprias tecnologias de si, suas formas características de relações do sujeito consigo mesmo. Tomadas em sentido amplo, as técnicas de cuidado de si podem assumir formas mais ativas, produtivas, ou mais reativas, negadoras e assujeitantes.

Há também um emprego marcado do termo, que remete à cultura romana dos séculos II aC a II dC, designada por Foucault de “cultura do cuidado de si”, objeto do estudo apresentado no volume III da sua *História da sexualidade*. Este emprego, historicamente demarcado, aponta para um conceito fundamental no contexto dos estudos éticos de Foucault (1990), referente à historicidade das “experiências éticas” no Ocidente. Não experiência de um sujeito singular, nem experiência ontológica, essencial – experiência humana – mas, experiência anônima, impessoal, nas suas próprias palavras: “experiência coletiva, historicamente concreta”, à qual estamos todos sujeitos em certo tempo e cultura. E ética, não no sentido tradicional do termo, como relação entre valores, práticas e condutas em uma cultura, mas designando formas históricas de relação do sujeito consigo mesmo operantes em uma sociedade ou cultura.

As trajetórias percorridas na genealogia da ética de Foucault (1990) desenham quatro experiências éticas na cultura ocidental: 1) a experiência heroica da estética da existência predominante na cultura grega entre os séculos IV e II aC, caracterizada pelo

---

<sup>3</sup> Bricolagem é uma figura explorada por Deleuze e Guattari (1976) em *O anti-édipo* que remete à composição do mosaico como arranjo díspar de fragmentos diversos que produz um efeito visual e estético de conjunto e unidade que, no entanto, visto em detalhes, mostra sua heterogeneidade e dispersão.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

domínio ativo do sujeito sobre si mesmo, pela relação necessária entre o governo de si e o governo dos outros, o que caracteriza uma indissociabilidade entre ética e política, experiência descrita no volume II da *História da sexualidade: o uso dos prazeres*; 2) a experiência do cuidado de si, predominante na cultura romana entre os séculos II aC e II d.C, marcada por um conjunto de cuidados ativos do sujeito sobre si mesmo que objetiva longevidade e acesso à sabedoria, experiência apresentada no volume III da *História da sexualidade: o cuidado de si*; 3) a experiência reativa, hermenêutica, confessional e interiorizada, característica da cultura cristã entre o século IV dC e os séculos XV e XVI, centrada na problemática da “carne”, que é objeto do volume IV da *História da sexualidade: as confissões da carne* (*Les aveux de la chair* no original em francês), recentemente publicado e lançado pela Editora Gallimard na França<sup>4</sup>; 4) a experiência propriamente moderna, a partir dos séculos XVIII e XIX, centrada nas problemáticas do sujeito, da subjetividade e da sexualidade, experiência curiosamente tratada no volume I da *História da sexualidade: a vontade de saber*, mesmo não estando este trabalho incluído no contexto dos seus estudos éticos.

Vale ressaltar a complexidade da experiência ética moderna que engloba elementos de todas as experiências antecedentes – da estética da existência grega, do cuidado de si romano e da hermenêutica confessional interiorizada cristã – além de introduzir suas próprias invenções: o racionalismo cartesiano, o utilitarismo e o produtivismo capitalistas, o individualismo liberal, a moral burguesa, a heteronormatividade sexual, os elementos constitutivos da cultura e da subjetividade moderna.

E não se deve esquecer que a modernidade introduziu também suas próprias tecnologias e jogos de poder: as disciplinas e a anátomo-política dos corpos; a vigilância e o panoptismo como laboratórios de produção de efeitos de subjetividade; as técnicas de individualização, marcação e identificação de corpos e sujeitos; os jogos de

---

<sup>4</sup> Durante quase trinta e quatro anos, desde a morte de Foucault, este volume concluído e não revisado por ele permaneceu inédito, constituindo objeto de interesse e curiosidade de leitores em todo o mundo. Para os mais persistentes havia alguns textos resultantes de palestras e cursos ministrados nos anos 1980, tais como: “Tecnologias de si” e “A hermenêutica de si”, que continham elementos a partir dos quais poderia ser feito um exercício de composição da ética cristã. A publicação deste texto em fevereiro de 2018 é da maior importância para os leitores interessados nas trajetórias da sua genealogia da ética e mostra que o pensamento de Michel Foucault continua vivo, revitalizado pela publicação, já no século XXI, dos seus cursos ministrados no *Collège de France* e agora, pela edição do IV volume da sua história da sexualidade. No entanto, mostra maior desta vitalidade é a constatação de que o seu pensamento ainda oferece instrumentos concretos para o enfrentamento de nossas problemáticas contemporâneas, como esta que está sendo aqui tratada.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

normatização e normalização; a ação dos dispositivos de poder em termos de objetivação e subjetivação de sujeitos. Relações com a norma como saber/poder objetivante, bem como a sua subjetivação, são características centrais da experiência ética moderna, porque a produção de subjetividade se dá nas confluências de práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos, questão importante retomada mais adiante.

### *Formas de cuidado e produção do sujeito em relação a si mesmo*

Considera Foucault (1990) que a cultura ocidental é marcada por dois tipos relacionados de atenção do sujeito a si mesmo, o “ocupa-te de ti mesmo” e o “conhece-te a ti mesmo”, materializados em práticas e formas cotidianas de cuidado e de conhecimento de si mesmo em diferentes momentos históricos. Aponta ele, ainda, que, nas sociedades antigas, grega e romana, predominava o princípio do cuidado de si sobre o do conhecimento de si, sendo o primeiro condição para o segundo. No entanto, com a falência do Império, o declínio da cultura romana e a decorrente emergência da ética cristã, acontece uma inversão entre esses dois princípios, passando a prevalecer a partir de então o conhecimento de si como condição para o cuidado e o trabalho sobre si mesmo. Este acontecimento inaugura um tipo de relação hermenêutica e reativa do sujeito consigo mesmo na cultura ocidental.

Em seu livro *A genealogia da moral*, Nietzsche (1988) se refere a este acontecimento histórico e político como “revolta escrava da moral”, ou falência da cultura antiga, constituída por valores nobres, condutas ativas, heroicas e a emergência da cultura cristã, composta por valores de compaixão, por costumes, práticas sociais e formas reativas de relação do sujeito consigo mesmo.

Mas o que caracteriza uma relação reativa do sujeito consigo mesmo? Resposta: ser uma relação centralmente negadora do corpo, dos prazeres, da intensidade de vida, que coloca em jogo a verdade, a culpa, a renúncia, a mortificação e a salvação – porque na ética cristã não há salvação sem dor, sofrimento e negação de si mesmo. É também quase desnecessário dizer que a experiência ética moderna é debitária de algumas dessas formas reativas e negadoras do sujeito em relação a si mesmo, ao seu corpo e aos prazeres, herdadas da ética cristã.

Tudo isso constitui um conjunto díspar de condições de possibilidade para aquilo que nos interessa, que são as formas modernas e contemporâneas de cuidado e produção

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

do sujeito em relação a si mesmo, o que aponta para um emprego amplo e não marcado do termo.

Assim como a ética moderna é herdeira de uma relação negadora do sujeito com seu corpo, seus prazeres, seus sentimentos e desejos, pela mesma proveniência cristã, ela herda ainda um tipo de relação interiorizada e hermenêutica do sujeito consigo mesmo. Isto, pela importância ocupada na ética cristã – mas também moderna – pela prática de confissão. Esta prática introduz um tipo de relação na qual o sujeito busca a verdade no “interior” de si mesmo, que opera como decifração de si, das suas próprias faltas, seus próprios erros, pecados, objetivando uma “veridicção” – o ato de recitar sua verdade a respeito de si mesmo – numa relação confessional, de poder, na qual, curiosamente, segundo Foucault, fala aquele que busca o conhecimento, enquanto aquele que conhece e detém o poder ouve, julga e valida ou não a veridicção. Nessa imbricada relação de saber e poder a confissão inventa a própria interioridade do cristão, mas também do sujeito moderno.

Entretanto, enquanto a hermenêutica cristã se coloca num registro religioso e moral da decifração das tentações e pecados da carne, a hermenêutica moderna se aplica à problemática do desejo, da sexualidade, operando num registro técnico-científico. Isso é parte do diálogo estabelecido por Foucault (1988) com a psicanálise no volume I da *História de sexualidade: a vontade de saber*, onde ele afirma traçar uma “arqueologia da psicanálise”.

Foucault (1988) chega a afirmar que, vistos de uma perspectiva genealógica, o consultório psicanalítico e a clínica psicológica são devedores da relação confessional cristã, postos, evidentemente em registros, espaços e tempos bem diferentes, ao que Lacan responde de forma discordante, alegando que ao padre confessa-se aquilo que passa pela consciência (atos, palavras, pensamentos e sentimentos), mas ao psicanalista confessa-se aquilo que se desconhece, que não se apresenta à consciência.

Discordâncias à parte, é fato constatado que há muito a confissão transbordou o confessionário, a ética cristã e extrapolou um registro meramente moral, difundindo-se amplamente pela sociedade moderna, em relações profissionais, na medicina, nas ciências “psi”, na justiça, nas escolas, empresas e instituições diversas, em relações comerciais, sociais, mas também na intimidade, nas relações familiares, entre pais e filhos, entre casais, irmãos, transformando-se numa poderosa matriz de produção de verdades a respeito do sujeito em nossa cultura.

### *Tecnologias de objetivação e subjetivação*

Se a problematização da sexualidade, central à experiência ética moderna, apresenta vestígios de uma proveniência cristã, as questões do sujeito e da subjetividade – igualmente centrais à ética moderna – deixam transparecer outros elementos: a questão do sujeito que provém da filosofia moderna, particularmente da “teoria do conhecimento”, remonta a Kant, ao sujeito do conhecimento, sujeito cognoscente, mas acaba contaminando toda a filosofia moderna, caracterizada pejorativamente por Foucault como “filosofia do sujeito”, jogo tautológico entre o empírico e o transcendental; e a questão da subjetividade, que curiosamente também provém da teoria do conhecimento e remonta a Kant e sua problematização quanto às dificuldades em se atingir um conhecimento universal a partir de uma perspectiva particular, limitada. A solução para a questão é a figura do sujeito transcendental, que não é nenhum sujeito concreto, mas uma categoria do conhecimento, e a superação da subjetividade que opera como obstáculo ao acesso à objetividade das coisas. Posteriormente, no final do século XIX, com Freud, é que esta questão filosófica virá a migrar para os domínios das “ciências psi”, ganhando conotação positiva, passando a designar um campo de experiências do sujeito.

Todas essas questões – da sexualidade, do sujeito e da subjetividade – são estratégicas para a modernidade, demandando investimentos de saber-poder no sentido de equacioná-las. Assim, nossa cultura tem desenvolvido poderosas tecnologias de objetivação e subjetivação de indivíduos, visando a vigilância dos seus corpos e o governo das suas condutas, além de todo um conjunto de práticas e trabalhos do sujeito em relação a si mesmo que implicam em um governo ético do sujeito sobre si.

A cultura moderna, antropocentrada e antropomórfica, através das filosofias do sujeito e das ciências humanas emergentes ao longo do século XIX, produziu ainda um inestimável conhecimento sobre o sujeito em sentido muito amplo, em seus desdobramentos concretos, que dá suporte a tais relações de poder. E, de certa maneira, num sentido oposto, o que estamos produzindo aqui é o desdobramento de uma vontade

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

de saber a respeito das questões do sujeito, do indivíduo<sup>5</sup> e da subjetividade, das nossas formas de subjetivação, de estetização, de produção de nós mesmos, com uma finalidade política contrária: de instrumentalizar formas de resistência a todos esses jogos, tecnologias e dispositivos.

No entanto, até por necessidade de maior precisão histórica, faz-se necessário distinguir modernidade de contemporaneidade, separar aquilo que é caracteristicamente moderno daquilo que nos é contemporâneo e já não é mais exatamente moderno. Poderíamos evocar aqui a discussão sobre modernidade x pós-modernidade, mas temo não ser adequado. Quero apenas marcar algumas diferenças entre nosso tempo – contemporâneo – e as tradições modernas dos séculos XVII, XVIII, XIX e até mesmo a primeira metade do século XX, muito diferentes do nosso presente neste início do século XXI.

E penso que particularmente neste domínio das relações do sujeito consigo mesmo aconteceram muitas modificações nos últimos anos, decorrentes de pressões por mudanças de valores, de práticas, de condutas, de modos de vida e também como exercício de resistência a modos viciosos de subjetivação fascistas, racistas, sexistas, preconceituosos, intolerantes. Aquilo que Foucault (1995) caracteriza no texto “O sujeito e o poder” como luta pela afirmação do direito à diferença, contra os poderes ao mesmo tempo individualizantes e totalizantes do Estado.

Se a modernidade já vinha desenvolvendo desde os séculos XVII e XVIII uma poderosa tecnologia de produção de corpos e indivíduos, o século XX, com ferramentas teóricas e práticas oferecidas pelos saberes e práticas “psi”, desenvolveu uma não menos poderosa tecnologia de trabalho, produção e estetização da subjetividade.

Desde o final do século XIX os saberes “psi” vem-se firmando como conhecimento e também tecnologia de intervenção sobre a subjetividade, sobre o inconsciente, mas também sobre a cognição, as capacidades, os sentimentos e as emoções, sobre o comportamento, as condutas e reações dos sujeito, desenhando uma diversidade de sujeitos psicológicos e produzindo uma diversidade de instrumentos e técnicas aplicáveis a situações diversas em campos diversos: na clínica, nas escolas,

---

<sup>5</sup> Importante ressaltar aqui que “sujeito” e “indivíduo” não são termos sinônimos nem apontam para um mesmo conceito ou imagem. Enquanto o sujeito sugere uma categoria abstrata, universal e genérica central ao pensamento moderno, a palavra indivíduo designa um sujeito concreto, datado, figura moderna decorrente do discurso liberal, ligado a um estatuto que define modos particulares de ser e submetido à individualidade como forma coletiva de vida, como ética e estética da existência moderna.



PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

organizações, na saúde, na sociedade, na aplicação de políticas públicas. Como tecnologia de intervenção sobre a subjetividade, a psicologia pode operar tanto produzindo quanto desconstruindo ou transformando características específicas ou um conjunto delas.

Passa despercebido, mas a vida no século XX é amplamente atravessada por saberes, práticas e tecnologias “psi”: os poderes encontram-se psicologizados, sutilizados, nas organizações, nas escolas, na educação familiar, nas relações afetivas e nas relações do sujeito consigo mesmo.

Os saberes “psi” têm sido demandados como ferramentas nesta busca pelo conhecimento e pela verdade de si mesmo, nesta vontade de saber a respeito de si mesmo, da qual o sucesso dos livros de autoajuda é uma mostra. E há também uma persistente demanda por instrumentos de produção e transformação de si mesmo, com vistas a estéticas circulantes nas mídias, na Internet, em redes sociais, sites e blogs diversos, que exigem uma elaboração, um trabalho psicológico do sujeito sobre si mesmo.

As estéticas contemporâneas são profundamente exigentes e elaboradas, articulando uma dietética restritiva e ascética, que regula hábitos e prazeres alimentares, normas de saúde minuciosas, difíceis de serem atendidas. A medicalização contemporânea da vida, a vigilância médica e os cuidados médicos consigo mesmo são exemplos destes modos de subjetivação aos quais estamos sujeitos, ou dos quais somos sujeitos. Também a patologização das condutas cotidianas, a banalização da regulação dos humores pelo uso indiscriminado de psicofármacos, a proliferação de epidemias psicológicas de ágora fobia, pânico e depressão apontam para modos de subjetivação e formas medicalizadas de cuidado do sujeito em relação a si mesmo.

Temos hoje a nosso dispor toda uma tecnologia de trabalho e produção de corpos em academias, envolvendo disciplinas corporais: produção de potência física, de músculos, de agilidade, destrezas e também saúde – aspectos funcionais – mas, ainda, estéticos, produzindo beleza e constituindo certa “corpolatria”, um exacerbado culto ao corpo. Vale lembrar que a anátomo-política emerge no século XVII, mas não cessa de produzir corpos dóceis e úteis para o capital ao longo de toda a modernidade. Entretanto, parece que a disciplinarização contemporânea incorpora alguns elementos da estética da existência grega, de isonomia entre mente e corpo saudáveis e belos,



PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

agregando certa produção de beleza ao utilitarismo capitalista, maquínico, operado pela anátomo-política.

Enquanto a problematização da sexualidade caracteristicamente moderna remete à figura do dispositivo de sexualização desenhada em *A vontade de saber*, que opera pelo jogo binário da heteronorma, que marca e exclui o diferente, quando não o patologiza, “tratando-o” – também no sentido clínico – como anormal, submetendo-o a práticas de heteronormalização, a problematização contemporânea da sexualidade abre-se e de certa maneira se dispersa nos efeitos do enunciado da diversidade sexual, que implicam certa multiplicação da norma. Deslocamentos enunciativos, de normatividade, de práticas e condutas sexuais, de uso dos prazeres, também deslocamentos estéticos que requerem transformações subjetivas e corporais, trabalhos dos sujeitos sobre si, estetizações e produções de si como sujeitos sexuais. Neste contexto a recusa da norma e do jogo de marcação das “identidades sexuais” opera como prática de resistência, luta pelo direito ao exercício da diferença.

E não se pode deixar de notar que as relações com e através da Internet vão assumindo um lugar cada vez mais central em nossas vidas: compramos na Internet; trabalhamos na Internet; estudamos e adquirimos conhecimento na Internet; jogamos e nos divertimos na Internet; nos expomos na Internet; buscamos diagnósticos e conhecimentos a nosso respeito na Internet; buscamos também técnicas de transformação de nós mesmos, nossos corpos e subjetividades, na Internet; conhecemos pessoas e namoramos através da Internet; mantemos relações familiares e íntimas através da Internet – todas essas modalidades emergentes de relação implicam novas formas de subjetivação e de relações do sujeito consigo mesmo. As redes sociais vêm se tornando cada vez mais o espaço por excelência para o exercício de relações com os outros e consigo mesmo, objetivando alcançar ideais estéticos circulantes.

### *Conceitos centrais e suas relações*

Desse modo, penso que deveríamos trabalhar um pouco melhor alguns conceitos que estão sendo aqui utilizados e as relações que se pode estabelecer entre eles – os conceitos centrais de subjetivação; modos e formas de subjetivação; trabalho sobre si mesmo; produção de si; estetização de si e o que se pode entender por “estética da subjetividade”:

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Ponto de partida: nas suas diferenças, são todos da ordem da relação, referem-se a relações, tipos de relações, relações éticas do sujeito consigo mesmo mediadas por preceitos, normas e/ou estéticas; são práticas de si, relações que os sujeitos estabelecem consigo mesmos e conforme seu nível de elaboração compõem tecnologias de si.

Subjetivação é um tipo de relação onde o sujeito se coloca como objeto para si mesmo no sentido de operar um trabalho sobre seu corpo, sua subjetividade, sua identidade, com base em enunciados, preceitos, normas, estéticas, trabalho que muitas vezes objetiva algum tipo de transformação ou “conversão”.<sup>6</sup> Uma relação de subjetivação pode se desenvolver em diferentes direções conforme a vetorização de forças que a orienta: pode envolver um componente predominante de assujeitamento, ligado ao reconhecimento de si como sujeito de um enunciado, preceito ou norma, mas pode ainda ser propriamente “positiva” – dito em termos de biopoder – possibilitando ao sujeito produzir-se, tendendo mais a um exercício de liberdade e resistência.

É dessa vetorização que se trata quando nos deparamos com o emprego nada aleatório dos termos “modos de subjetivação” ou “formas de subjetivação”: importante sutileza da ética de Foucault. Um modo de subjetivação é assujeitante, de ordem maquínica, molar e refere-se a efeitos normalizadores e subjetivantes de ações dos dispositivos sobre os sujeitos. Já formas de subjetivação – no plural – refere-se a uma diversidade de possibilidades de relação do sujeito com enunciados, normas e principalmente estéticas, que tendem ao exercício de liberdade, a práticas de resistência e à busca de “linhas de fuga”.<sup>7</sup>

Pensados em termos de práticas sociais e de poder, os jogos de subjetivação encontram-se em imediata relação com jogos de objetivação, equação de forças que resulta na constituição do sujeito, do seu corpo e sua subjetividade. O sujeito possível em Foucault – histórica e politicamente constituído – se produz nas confluências, nos enfrentamentos, nas resultantes da vetorização entre forças de objetivação e subjetivação.

---

<sup>6</sup> A conversão é um elemento da ética cristã que implica mais que mera transformação de si mesmo: requer algum nível de renúncia àquilo que se é, visando acesso a formas idealizadas de vida e de ser, o que envolve um intenso trabalho de estetização corporal e subjetiva de si mesmo.

<sup>7</sup> Linhas de fuga são figuras do pensamento de Foucault que apontam para algum nível de enfrentamento das relações de saber/poder: a transgressão aos jogos de enunciação e a resistência aos poderes, além da possibilidade de exercício de liberdade nas relações do sujeito consigo mesmo, estetizando-se, produzindo-se, em enfrentamentos com a norma, ou com uma ética/estética opressiva são alguns exemplos de linhas de fuga.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Já o trabalho sobre si mesmo é todo tipo de operação do sujeito sobre seu corpo, subjetividade ou identidade, num sentido mais “reativo” de submeter-se, de negar-se, ou mais “ativo” de produzir-se, estetizar-se. Esta operação sobre si pode, conforme seu nível de elaboração, constituir uma tecnologia.

Produção de si refere-se a um tipo de trabalho “positivo” sobre si mesmo que se opera como exercício de liberdade ou prática de resistência. Já estetização é um tipo de produção de si que toma como referência uma estética, modelos ideais ou concretos a serem alcançados. Na verdade, a estetização e produção de si são práticas solidárias e interdependentes: uma serve de suporte à outra. A estetização da subjetividade envolve certa produção de si mesmo como sujeito psicológico singular: uma composição de certo modo particular de ser, de sentir, se apresentar, se expressar, se conduzir, reagir, se singularizar e marcar sua própria identidade;

E uma estética da subjetividade envolve certa modelização circulante na cultura, com elementos ideais e concretos, envolvendo aspectos corporais: formas de se vestir, se apresentar, se produzir; e também modos de vida, formas de ser, de se conduzir, estilos pessoais, preferências, identificações possíveis, formas de ser mais ou menos belas, valorizadas, desejadas.

### *Observação final*

Deve-se notar, no entanto, que toda esta tecnologia contemporânea de estetização e produção de si é profundamente narcísica e autocentrada, acentuando o individualismo moderno. Dessa forma, cada vez mais nos colocamos no centro do nosso próprio mundo, nos relacionamos mediados pela Internet, virtualmente, em redes sociais, nos distanciando cada vez mais do outro, vendo cada vez menos o outro na sua singularidade, em presença, em relações face a face.

### *Referências*

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

\_\_\_\_\_. Tecnologías del yo. In: MOREY, Miguel. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós/ICE-UAB, 1990, p. 45-94.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *M. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *La hermenéutica del sujeto*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

*Recebido em julho de 2018.*

*Aceito em setembro de 2018.*